

VULTOS E MARCOS DA OFTALMOLOGIA PORTUGUESA

António Castanheira Dinis

Oftalmologista

Professor Catedrático da

Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

No ano em que se comemoram os setenta anos da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), foi-me pedido para se olhar para a Oftalmologia nacional retrospectivamente e recordar o seu caminho através de factos e de figuras salientes, como um memorial histórico.

A fundação da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia em 7 de Janeiro de 1939 foi um marco de relevo na História da Oftalmologia Portuguesa. E não poderemos deixar de referir o nome de Sertório Sena que terá sido o mentor e dinamizador da criação da SPO, reunindo pessoas em Lisboa, Porto e Coimbra, à volta da ideia. Sendo um dos sócios fundadores, nunca veio a exercer nenhum cargo directivo na Sociedade.

Grande parte da História da Oftalmologia Portuguesa gira à volta dos Hospitais Centrais e das Universidades onde se centravam personalidades e personagens da ciência e do saber. Raras excepções poderão ser referidas quanto a figuras que se salientaram de forma autónoma e isolada, fora daqueles centros hospitalares e académicos, mas, na verdade, tendo deles partido.

Em segundo lugar, a Oftalmologia Nacional e os Oftalmologistas Portugueses não terão evoluído e nem se destacado sem o envolvimento internacional, num relacionamento mútuo de grande valor, levando e trazendo saber, técnicas e ciência, alargando-se o horizonte e projecção nacionais para o mundo europeu e americano. Muito trabalho terá sido realizado internamente mas, sem dúvida, o grande reconhecimento do nosso trabalho acaba por ocorrer quando ultrapassa fronteiras e se torna internacionalmente apreciado.

Estes detalhes do reconhecimento internacional começam com figuras como Pedro Julião, também conhecido por Pedro Hispano, quando partindo de Portugal se torna numa figura mundialmente conhecida não só por ter sido o Papa João XXI (XXI por engano, pois não há Papa João XX) mas por ter escrito, também, o primeiro Tratado dos Olhos – *Tractatus de oculis* – no qual reuniu o seu saber a par da compilação de conhecimentos dispersos sobre doenças dos olhos e os tratamentos aconselhados, à época.

Grande relevo internacional no campo da Oftalmologia, surge, de novo, no século XIX com António Plácido da Costa, da Faculdade de Medicina do Porto, quando desenvolve o seu Disco Astigmatoscópio – o Queratoscópio de Plácido ou “Plácido Disc”, como ainda hoje é conhecido e frequentemente referenciado, a propósito de estudos científicos sobre a semiologia da córnea e do astigmatismo. Em 1958, Klein M retoma o assunto no *British Journal of Ophthalmology*, introduzindo uma auto-iluminação ao equipamento e, nos anos 90, surgiu todo um trabalho, com expressão científica exponencial no século XXI, baseado na ideia genial que levou à criação do seu disco por Plácido da Costa, um português do século XIX. Na verdade, é importante recordar que, à época, Javal terá tentado chamar a si a descoberta, numa disputa entre pessoas e escolas médicas, a escola francesa de Javal e a escola alemã, com Hirschberg a defender Plácido. Venceu esta, até porque assim foi a verdade.

Na realidade, junto da escola alemã de oftalmologia e no século XIX, surgiu um outro português natural de Goa-Saligão, de nome Gama Pinto, que em Heidelberg atingiu o grau de “Doctorat - Privat Docent” e que regressando a Portugal pelos anos 80, veio a implementar no nosso país uma oftalmologia moderna – “A sua obra é notabilíssima e revolucionou a Oftalmologia, a partir de 1880” – como diz Manuel Machado Macedo no seu livro “História da Medicina Portuguesa no Século XX”.

A criação do Instituto Oftalmológico de Lisboa – mais tarde Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto – terá tido o relevo que a novidade e a mudança despertam à sua volta, reconhecidas na oposição que foi feita à ideia e à pessoa de Gama Pinto pela Escola Médica de Lisboa – mais tarde Faculdade de Medicina de Lisboa – e pelos seus membros.

Quase poderíamos dizer que, num plano histórico, os aspectos inovadores da Oftalmologia Portuguesa sofreram constantes embates e confrontos, servindo estes exemplos para se olhar a história como instrutiva sobre a natureza humana, a inovação e tudo o que poderá vir a acontecer sempre que alguma coisa surge desinserida do habitual. E, nem sempre, o carácter dos

intervenientes terá estado isento de alguma culpa, como é natural. A realidade é que a oftalmologia progrediu e o ensino oficial da oftalmologia foi instituído e a criação do Instituto foi um marco de relevo.

Quando, há dez anos atrás, surgiu a ideia de se compilar num livro de memórias de oftalmologistas o registo em papel e, também, num vídeo, muito da História da Oftalmologia Portuguesa no Século XX, praticamente tudo terá ficado dito sobre as figuras e os factos possíveis de serem narrados da Oftalmologia Portuguesa.

Agora que me pedem para salientar os vultos e os marcos da Oftalmologia Portuguesa não poderia ter deixado de começar por Pedro Hispano, Plácido da Costa e Gama Pinto.

Contudo, marco significativo e importante na História da Oftalmologia Portuguesa foi a criação do ensino sistemático e metódico da Oftalmologia nas Universidades, foi a criação dos Serviços de Oftalmologia nos Hospitais, foi a fundação da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e a criação do Colégio de Especialidade de Oftalmologia na Ordem dos Médicos.

Quem terá estado por detrás de todos estes aspectos inovadores e criadores?

Não é fácil apontar tudo e todos, neste breve resumo de análise histórica, nem se poderá deixar de referir todos aqueles que podendo não ter estado envolvidos na criação daqueles marcos conseguiram preservar a ideia, respeitar o histórico e desenvolver inovação no sentido de adaptar às diferentes épocas o sentido inicial, assegurando a projecção para o futuro da iniciativa havida. A palavra “dinamismo” traduzirá, talvez, esta ideia, porque sabemos que num historial de qualquer instituição, estrutura ou sociedade há sempre momentos “maiores e menores”. Quem foram os grandes continuadores e os grandes revitalizadores daqueles referidos marcos?

Na História da Oftalmologia Portuguesa no Século XX, publicada pela SPO (2008) estão enunciados os nomes e a breve história de personalidades que marcaram a Oftalmologia Portuguesa, quer pelas iniciativas que tomaram uns, quer pela continuidade que promoveram outros, no seu envolvimento pessoal ou integrados nas instituições. São inúmeros, por isso pouco razoável apontar aqui os seus nomes, mas de todo impossível deixar de os referir colectivamente.

Olhando retrospectivamente, a autonomia da oftalmologia terá começado quando se tornou independente da medicina e da cirurgia, criando a sua consulta própria e individualizada (provavelmente devido à metodologia específica de observação dos doentes, como, por exemplo, a necessidade de câmara escura - câmara clara), continuando, contudo, em alguns casos, a partilhar as enfermarias com os outros serviços hospitalares.

Neste sentido, a criação de Serviços de Oftalmologia autónomos constituiu um marco, não só em termos de especialidade como de autonomia directiva assistencial. Em sequência, o Ensino da Oftalmologia começou a constituir um ramo da Medicina com particularidades próprias inerentes à sua prática específica, daqui resultando, primeiramente, a criação de Cursos que se transformaram, mais tarde, no ensino sistemático da Oftalmologia nas Universidades.

Em nosso entender e olhando a história da implementação da Oftalmologia em Portugal (como noutros países), a criação dos Serviços de Oftalmologia nos Hospitais Centrais e a introdução do Ensino da Oftalmologia nas Universidades foi um outro marco relevante na História da Especialidade.

Lisboa, Porto e Coimbra vieram a constituir os centros do conhecimento e das decisões e, por isso, terão sido importantes para o passo seguinte – a fundação da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia em 1939.

Contudo, a nova Sociedade de Oftalmologia só se terá verdadeiramente agrupado quando conseguiu reunir em Congresso uma vasta gama de Oftalmologistas, de norte a sul do país, que em Braga (1960) apresentaram 25 comunicações científicas e conseguiram fazer 11 elogios póstumos a personalidades várias de destaque da Oftalmologia Portuguesa, entre elas Sertório Sena. Valerá a pena consultar o tomo VII do Boletim da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia publicado pela Comissão Central presidida por Alcino Pinto, em 1960. Nesse tomo poderemos confirmar, segundo palavras de Alcino Pinto, o que dizemos, como se transcreve: “Vai-nos ainda na alma um sentimento de arreigada crença num futuro próspero ao verificar a entrada para a SPO de distintos profissionais que dela andavam arredados, num remoçar de fé que é necessário não deixar adormecer e de recém-especializados que, num sentimento gregário digno de referência, se apressam a tomar conta das suas responsabilidades”.

A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia “remoçava”, agregava mais sócios e conseguiu olhar para o passado num vasto “In Memoriam”, marcante de reconhecimentos, conforme se pode ler no referido tomo.

Arrumada a casa, a Oftalmologia Portuguesa encetou uma nova caminhada, promoveu dois Congressos marcantes, um em Lourenço Marques (1963) e outro no Funchal (1965) e internacionalizou-se com a realização do 1º Congresso Luso-Hispano-Brasileiro de Oftalmologia, no Porto, sob a Presidência de Silva Pinto.

A abertura e reconhecimento da Oftalmologia Portuguesa além-fronteiras, será outro marco significativo da nossa história, não só pelo que significa mas, também, porque outras ocasiões de destaque vieram a acontecer mais tarde. A Oftalmologia Portuguesa foi anfitriã do 4º Congresso Luso-Hispano-Brasileiro (1980) e do Congresso da Sociedade Europeia de Oftalmologia (1988), entre outras várias reuniões internacionais de áreas específicas da especialidade, aspecto que continua a desenvolver-se pelo século XXI.

A par da internacionalização, a Oftalmologia Portuguesa veio a consolidar a evolução técnica, clínica e científica em que estava empenhada, demonstrando consistência nacional, a tal ponto que já não “admitia” que os doentes portugueses se deslocassem, por tudo e por nada, ao estrangeiro para procurar apoio oftalmológico diferenciado, porque ele existia entre nós. A diferenciação estabeleceu-se em Portugal, se bem que, eventualmente, dispersa mas suficiente para que a referenciação pudesse ser feita entre fronteiras.

Nesta breve súpula, não devo deixar passar a oportunidade para apontar algumas verdades que nem sempre terão contribuído para a coesão nacional e, neste aspecto histórico, recordo as palavras de Bernardo de Sousa e Faro em 1989, aquando do cinquentenário da SPO, sobre “antagonismos pessoais”. Dizia, assim, Sousa e Faro a propósito de Sertório Sena: “ Em toda a sua vida de distinto oftalmologista nunca ele foi homenageado com a sua eleição para presidente da nossa Sociedade! Lutas mesquinhas e rivalidades ultrajantes a isso impediram” para depois continuar “ ... a

Sociedade continuará sempre em todos os aspectos e desejando que não haja facções, mas antes um ambiente que nos una a todos para bem da nossa Oftalmologia e prestígio de Portugal!”.

Hoje em dia é reconhecida uma franca harmonia entre pessoas e Serviços, mas tal não terá sido uma constante noutros tempos, por diversas vezes, aspecto que não terá ajudado a uma mais rápida progressão colectiva da Oftalmologia Nacional. Por isso, não poderíamos deixar de referir como marco importante “a consciência” nacional atingida num consenso generalizado, para bem dos doentes, para bem dos profissionais e para bem da Oftalmologia. Os portugueses, somente em casos excepcionais, admito, não precisam de procurar apoio clínico de oftalmologia fora de Portugal. A isto poderíamos chamar “a consistência da Oftalmologia Clínica Portuguesa”, conseguida, sem dúvida, na actualidade.

Um outro passo de destaque consistiu na evolução da investigação clínica e básica, atingindo-se um patamar de investigação translacional com evidente aplicação clínica, conforme existe actualmente. A sua projecção contou muito para aquela consistência bem como para a internacionalização da Oftalmologia Portuguesa.

A Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, os Hospitais Centrais e as Universidades e tudo o que aconteceu à sua volta marcaram verdadeiramente a História da Oftalmologia Portuguesa, como se viu.

Contudo, noutro plano, a criação do Colégio de Especialidade na Ordem dos Médicos (1978) foi preponderante como complemento da Oftalmologia que já havia. O Colégio veio a actuar ao nível da pós-graduação, criando regras e normas nacionais, quanto à formação de oftalmologistas, com metodologia e rigor indispensáveis para um nível de ensino/aprendizagem/avaliação realmente elevado, em Portugal. A formação de novos oftalmologistas deixou de ser dissonante, passando a ser uniforme para todos os internos, baseada em critérios e regras apropriadas a uma completa especialização de excepção. Considero muito importante a influência do Colégio de Especialidade para a sustentabilidade de um padrão de Oftalmologia de qualidade, em Portugal.

Será de recordar a evolução da Oftalmologia para Subespecialidades, em conformidade com o aperfeiçoamento semiológico, técnico, terapêutico e científico e a importância da SPO que, congregando diferentes Grupos e Secções no seu seio, promoveu o incremento da diferenciação, em vários campos.

A Oftalmologia Portuguesa teve permanentemente um bom acolhimento na Ordem dos Médicos onde funcionou sempre a sua Sede, mas com o desenvolvimento dos serviços administrativos, aumento do número dos seus membros e graças ao apoio que foi tendo pela parte de patrocinadores dos seus congressos, conseguiu realizar um desejo muito nobre que foi a aquisição de Sede própria, em Lisboa. É por todos reconhecido que foi um marco na História da SPO e como tal não poderia deixar de ser mencionado. Este facto abriu aos Oftalmologistas um local onde se podem reunir, promover pequenas reuniões e cursos e abriu à Sociedade a possibilidade de acolher manifestações culturais, alargando-se, assim, o âmbito da acção e missão da SPO. Sem dúvida, um marco significativo.

Quase a terminar e revendo os dados que a minha memória me traz sobre a Oftalmologia Portuguesa, não será justo deixar de falar de dois aspectos recentes, mas com elevado significado nacional e internacional. A criação da Fundação Champalimaud e a entrega da Medalha Helmholtz a Cunha Vaz.

O reconhecimento internacional de mérito científico a um português é sempre um facto relevante para todos nós e constitui matéria de orgulho nacional. José Cunha Vaz foi galardoado (2007) pela Sociedade Europeia de Oftalmologia com a Medalha Helmholtz (Helmholtz Gold Medal) que distingue, de quatro em quatro anos, o oftalmologista europeu que se tenha destacado pela sua contribuição no campo da oftalmologia médica.

Num sentido diferente, Portugal acolhe a Fundação Champalimaud que instituiu o Prémio António Champalimaud de Visão que é o maior, em valor monetário, que distingue acções no campo da visão, a nível internacional.

Neste ano de jubileu da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, ficaram apontadas as figuras e os marcos da nossa Oftalmologia, da sua história e da sua vida e na sequência do que já foi escrito e dito, resta-nos dizer com alegria que nos sentimos honrados com o passado e que apelamos à juventude que continue a proceder de modo a dignificar ainda mais o futuro da Oftalmologia Portuguesa¹.

Leituras

- .Boletim da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Tomo VII. Porto. 1960.
- .Rasteiro A: História da Oftalmologia Portuguesa. Figueira da Foz, SPO,1985.
- .Sousa e Faro B, Lisboa JE: Comemoração do Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Rev. Soc. Port. Oftal. Vol XV-2, 49-63, 1989
- .Castanheira-Dinis A et al.: Depoimentos (VHS). Lisboa, SPO, 1999. Reedição CD, 2009.
- .Castanheira-Dinis A [Editor]: Oftalmologia Portuguesa no Século XX. 1ª ed. Lisboa, SPO, 2008.

¹ Conferência da Abertura Oficial do 52º Congresso Português de Oftalmologia, realizado em Vilamoura, por ocasião do 70º Aniversário da SPO (1999). Oftalmologia. Vol.34,205-209, 2009